

# Países ricos já admitem abater dívida dos pobres

**Rosental Calmon Alves**  
Correspondente

WASHINGTON — Às vésperas da assembléia anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, que se realiza este mês em Berlim, multiplicam-se nos principais centros financeiros do mundo, especialmente aqui nos Estados Unidos, as discussões sobre novas alternativas para lidar com a crise da dívida externa dos países em desenvolvimento. Até banqueiros e funcionários de governos, antes inflexíveis, acabam de aderir à tese de que a única solução é o abatimento da dívida.

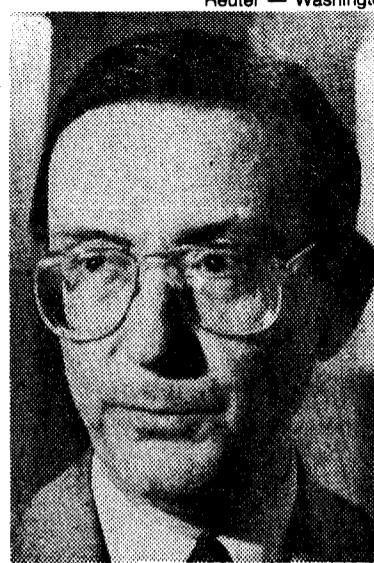
Mesmo do sisudo e tradicionalmente conservador Federal Reserve Board (Fed, o banco central dos Estados Unidos) surgiu finalmente o primeiro sinal de mudança. Um dos diretores do Fed, John LaWare, aproveitou a convenção da Associação Nacional dos Banqueiros, em Boston, esta semana, para dar sua contribuição. Ele aconselhou os bancos a promoverem a reestruturação da dívida do Terceiro Mundo, trocando os vencimentos de curto prazo por títulos de longo prazo, com período de carência e juros fixos. Com isto, finalmente o capital externo voltaria a fluir para esses países.

A idéia não chega a ser original. Países, como o Brasil, já estão teando por esse caminho e conseguindo os primeiros resultados. Mas o importante é que a única voz que se ouvia até recentemente do Fed era pouco estimulante. Num dos seus recentes discursos, Alan Greenspan, que preside a instituição, dizia que não há "esquema financeiro ou ginástica fiscal" capaz de resolver a crise. Para ele, o único jeito é os países pobres se contorcerem em políticas de austeridade para arranjar um jeito de pagar.

**Discussões** — Esse tipo de abordagem vai cedendo lugar a outras menos ortodoxas. Acaba de ser finalizada, por exemplo, uma discussão que se vinha estendendo por diversas reuniões desde fevereiro, em que um grupo de banqueiros, acadêmicos e funcionários conclui que o plano Baker morreu e que chegou o momento de pensar diretamente em duas medidas: o abatimento da dívida, através de redução direta dos totais ou de juros abaixo do mercado, e a volta de verdadeiro dinheiro novo para o Terceiro Mun-



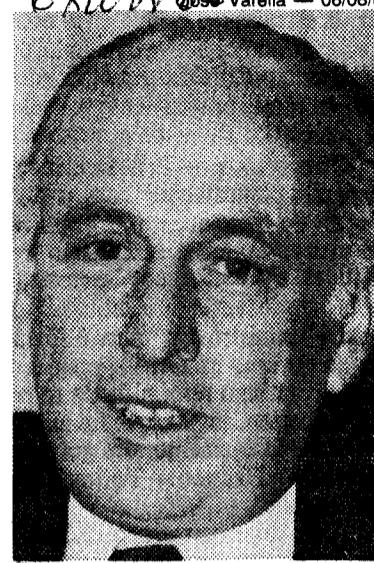
Greenspan: não há ginástica fiscal que resolva crise



Rhodes: redução da dívida e volta do dinheiro novo



Camdessus: diretor-geral do FMI também participa



Bresser: tese provocou risos mas a ONU encampou



Cucular: juros altos farão dívida inadministrável

do. Entre os participantes da discussão, estava William Rhodes, do Citibank, chefe do comitê de credores do Brasil.

Ainda nas vésperas da reunião de Berlim, vão surgir vários outros documentos. Um instituto de Washington, financiado pelos bancos internacionais, acaba de mandar uma carta ao FMI e ao Banco Mundial, com dados para mostrar que o atual esquema de rolagem da dívida já deu o que tinha que dar. Até a nova lei de comércio, autoriza o Executivo a iniciar discussões para encontrar uma solução para o problema da dívida.

Na realidade, discussões específicas já começaram no Subcomitê de Finanças Internacionais e Política Monetária do Senado, onde no mês passado o presidente de uma das maiores corporações americanas — o American Express — foi convidado a expor suas idéias sobre a necessidade de se criar uma instituição multinacional capaz de resolver a crise. Esse "Instituto Internacional de Dívida e Desenvolvimento", sugerido por James Robinson III, compraria, com desconto, a maior parte da atual dívida, renegociando caso por caso com os devedores, dando-lhes condições de real recuperação.

Os governos da França e do Japão já se manifestaram claramente pelo perdão de parte importante da dívida dos países mais pobres e na própria América Latina já houve o caso da Bolívia, que com ajuda dos Estados Unidos e outros ricos, conseguiu redução substancial de sua

dívida. A Costa Rica, um pequeno devedor, está para conseguir um abatimento sem precedentes de sua dívida, enquanto os maiores devedores, como o Brasil, também têm conseguido importantes avanços, que parecem abrir novas perspectivas.

**Abatimentos reais** — Os planos de conversão e de títulos de saída (*exit bonds*) são, na prática, abatimentos reais, verdadeiras reduções nos volumes das dívidas de países como o México ou o Brasil. Eles parecem apontar para pessoas ainda mais audaciosas e criativas nessa mesma direção. Os bancos que aceitam os *exit bond* trocam sua dívida de curto prazo por títulos a vencer em 25 anos, com juros fixos de 6%. Como o Brasil está pagando mais de 10% (taxa *libor* mais *spread*), isso significa uma redução real dos juros. Uma forma de abater a dívida.

Ninguém sabe aonde exatamente vão parar os atuais avanços e o inédito ritmo de discussões sobre a crise da dívida. Mas o certo é que se está criando um clima para que o próximo governo dos Estados Unidos aceite o desafio que a administração Reagan quis evitar. "De uma forma ou de outra, o problema (da dívida externa dos países em desenvolvimento) precisa ser enfrentado. Ignorar isso é abdicar da liderança moral e pôr em perigo a saúde econômica dos Estados Unidos", como disse um editorial a *New York Times* saudando a volta do Brasil ao sistema e condenando a falta de ação da administração Reagan.